

***Phóbos, o ‘Medo que Aniquila’ e
Déos, o ‘Medo que Conscientiza’ o Herói Homérico***

Luciene de Lima Oliveira
oliveira-ll@uol.com.br
gramaticadegregobiblico@yahoo.com.br

Mestre em Letras Clássicas pelo PPGLC da UFRJ
Professora Substituta de Língua Grega do Instituto de Letras
da UERJ

Resumo: Costuma-se atribuir, na *Iliada*, o designativo herói ao indivíduo que sobressai por seus feitos guerreiros ousados e grandiosos; que possuem força sobre-humana como Diomedes que foi capaz de lançar uma pedra que “dois homens de hoje não a transportariam” (*Iliada*, V, 302-5). Dá-se também o nome de herói àquele que é semideus como, por exemplo, Aquiles, filho da deusa marinha Tétis e Peleu. Entretanto, é bom ressaltar que não é o fato do guerreiro ser um herói que ele estará imune ao medo. Afinal, não são, somente, os covardes que sentem medo como também os heróis de destaque. Assim, o presente artigo tem por escopo mostrar algumas situações de medo que foram experimentadas pelos heróis homéricos; priorizando, para tal, dois vocábulos gregos ligados ao medo: *phóbos* e *déos*.

Palavras-Chave: I. Guerra; II. Herói; III. Medo-Pânico; IV. Medo-Consciência

A guerra¹ e o medo são dois vocábulos que estão interligados. Convém lembrar que o velho rei de Pilos, Nestor, ao arrumar os guerreiros que iriam ao campo de batalha, colocava, primeiramente, os cavaleiros com carros e cavalos na frente do exército, os corajosos atrás e os covardes no meio do exército. À primeira vista, pode-se parecer estranho tal arrumação, mas os covardes eram, justamente, postos no meio do exército para que, mesmo contra a vontade, fossem obrigados a lutar (*Iliada*, IV, 297-300).

Na *Iliada*, há exortações aos guerreiros para que sejam valentes. O rei Agamêmnon, por exemplo, percorria as tropas dos gregos para exortá-los a não fugirem, a serem destemidos e ousados diante dos inimigos. O Atrida reprovava, ainda, aqueles que não demonstravam disposição para a refrega (*Iliada*, IV, 230-418), lembrando que, para

¹ Ao mesmo tempo que a guerra é “devoradora de homens” (*Iliada*, X, 79-80), impiedosa e homicida (*Iliada*, III 111-2; XI, 332), é, no campo de batalha, que os heróis são glorificados e afamados (*Iliada*, IV, 224; VI, 125; VIII, 448).

“aqueles que fogem”, *pheugónton*, não há “glória”, *kléos*, nem “socorro”, *alké* (*Ilíada*, V, 529-532).

Vale ressaltar que, para Loraux, no mundo homérico, a honra heróica e o canto laudatório são indissociáveis, não existe *kléos* se não for cantado (LORAUX, 1989, p. 80).

²

Assim, a vida breve, a façanha e a bela morte só vão ter sentido se têm um lugar num canto a acolhe-las, conferindo ao próprio herói o privilégio de ser um *aoídimos*, “assunto de um canto”³.

O helenista Charles Segal pontua que aquilo que é “memorável” torna-se *kléos*, isto é capaz de resistir ao tempo, depois de ter sido “ouvido”. Em Homero, a pior desventura para um homem é morrer *akléés*, sem deixar uma história que possa perpetuar a sua memória numa comunidade (in: VERNANT (org.), 1994, p. 176).

A propósito, buscar a refrega é uma atitude própria do herói (MOSSÉ, 1984, p. 47). Deve-se mencionar o filho de Nestor, Antíloco, que tinha ânsia e motivação para o combate como corroboram os versos subscritos:

Do inimigo jamais se afasta Antíloco, antes,
em meio dele, gira a lança nunca imóvel,
mas a vibrar num vórtice; a mente atentando
no arremessá-la ao alvo, ou no ferir de perto. (*Ilíada*, XIII, 556-559)

Enéias, devido a sua ânsia de proteger um cadáver, chegou a ser comparado a um leão. O filho de Afrodite agitava a lança e o escudo, ávido para matar, caso alguém lhe opusesse (*Ilíada*, V, 297-301).

² Aquiles é o único herói que aparece, na *Ilíada*, praticando um canto poético, canta para ele e para Pátroclo (*Ilíada*, IX, 186-191). O semideus canta os feitos dos heróis, *áeide d' ára kléa andrôn* (*Ilíada*, IX, 189). Assim, o canto que Aquiles canta, reflete sua própria imagem. Entretanto, na antiga Esparta, a glória do hoplita não depende de um canto do aedo, nem de uma palavra ou discurso público, *démou phátis*, a glória provém da cidade que dá ao hoplita uma fama imortal (cf. 12 W, 31-2 do poeta Tirteu).

³ De acordo com Vernant, *kléos áphthiton*, a glória indestrutível, juntamente com a bela morte é o ponto máximo de uma honra além das honras relativas e transitórias que podem ser motivo de orgulho para um ser vivo. O *anèr agathós*, o “homem valente”, através da morte heróica obtém um estatuto especial: a mortalidade e imortalidade. Estes dois elementos, ao invés de se oporem, estão ligados a sua pessoa e se interpenetram (VERNANT, 2002, p. 412).

Ora, o covarde não era digno de ter uma sepultura. Odisseu, ao perseguir Zoco que fugia, destacava também que o cadáver do inimigo seria comigo pelas aves, ao contrário do seu corpo que teria as honras fúnebres (*Ilíada*, XI, 450-6). Tirteu, poeta elegíaco da segunda metade do século VII a.C., também criticava os covardes em seus versos. De acordo com o poeta espartano, o guerreiro que não havia desempenhado o seu papel como deveria na guerra, que não lutou com ardor, é odiado e desprezado por todos aqueles que dele se aproximam; é afligido pela pobreza e envergonha seu *génos*, sua raça. O covarde é um guerreiro que não merece nenhuma *timé*, pois tem como aliados a *atimíe*, a desonra e *kakótes*, a covardia (10 W 5-10). Conseqüentemente, este homem é alguém sem *aidós*, ou seja, alguém que não é digno de respeito, de consideração. Há, pois, uma conexão clara entre *aidós*, “respeito” e *timé*, “honra”.

Ressalte-se que o adjetivo *deilós*, “covarde” é o oposto de *álkimos* e *andrêios*, “valente”. O herói Idomeneu, no Canto XIII, faz uma observação interessante, pois compara a diferença entre o guerreiro *deilós* e o *álkimos*. O chefe cretense descreve também os indícios de um comportamento guerreiro valente e de um covarde.

280 O covarde muda de cor ora de um lado, ora de outro,
o coração não deixa estar quieto no peito,
mas ajoelha-se e senta-se sobre ambos os pés,
o coração palpita forte no peito, pressentindo a Morte;
um ruído produz-se dentre os dentes.
285 Todavia, o valente não muda de cor, nem se espanta o forte;
quando o coloca em emboscada,
deseja rápido lutar no combate atroz. (*Ilíada*, XIII, 279-286)

Os heróis gregos, principalmente, lutavam por sua *timé*, “honra” pessoal e os troianos, mais precisamente, Heitor, por sua terra e família. Nos versos abaixo, o príncipe troiano incita os troianos e seus aliados a lutarem com as seguintes exortações:

495 (...) qual dentre vós,
caído ou ferido, atraia a morte ou o destino fatal, morra !
Não é vergonhoso morrer, protegendo a terra;
Depois, a esposa e os filhos.⁴,

⁴ Estes versos homéricos ressoam os versos 13-14 do fragmento 10 W de Tirteu. Encontra-se também em Calino este sentimento de amor a terra (1 W, 6-8). Assim, a bela morte deve ter ligação com a cidadania, ou melhor, é um critério de cidadania, sendo uma manifestação cívica.

a família e a herança ficarão ilesos, se os Aqueus regressarem com as suas naus em direção à terra nativa. (*Ilíada*, XV, 494-9)

Os heróis homéricos, de um modo geral, são belos, aristocratas e pertencem ao grupo dos *kaloì kai agathoí*. Vernant descreve que *agathós* ou *kalokagathós* quer dizer, “ao mesmo tempo que um homem é de boa cepa, rico, belo e poderoso e que possui as virtudes e a nobreza de alma semelhantes ao ideal grego do homem completo e do homem de coragem” (VERNANT, 1990, p. 408).

Ora, Jacqueline de Romilly atesta que estes heróis constituem um mundo à parte: são reis. Homero une, de modo voluntário, as duas idéias: “nobre rei e poderoso guerreiro” (ROMILLY, 2001, p. 88). Além do mais, os reis são, por definição, bravos; de modo particular, impelem até ao limite a coragem e a generosidade que são caracterizados (ROMILLY, 2001, p. 89).

Jaeger salienta que os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes de sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo, grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos (JAEGER, 1989, p. 41).

Entretanto, é bom ressaltar que não é o fato do guerreiro ser um herói que ele estará imune ao medo, e nem está livre de, um dia, correr perigo de vida, pois sempre chega, um dia, que, diante de uma situação, ele vai tremer. Então, não são, somente, os covardes e os ‘heróis anônimos’ que sentem medo como também os heróis de destaque.⁵

Assim é que há, na *Ilíada*, inúmeros exemplos de tremores por parte de gregos e de troianos. O substantivo referente ao verbo *troméo*, “tremo” é *trómos*, “tremor”. Páris, ao avistar Menelau, antes de fugir, ficou com os “joelhos trêmulos”, *trómos (...)* *guîa* (*Ilíada*, III, 34) e seu rosto ficou “pálido, amarelado”, *ôkhros* (*Ilíada*, III, 35).

Os joelhos dos troianos tremeram, *Trôas dè trómos (...)* *guîa* (*Ilíada*, VII, 215) ao verem Ajax Telamônio em sua armadura para travar um duelo com Heitor; o coração de Heitor palpitou no peito ao ver Ajax Telamônio com um sorriso terrível no rosto, mas o

⁵ A narrativa épica distingue os grandes heróis daqueles guerreiros de menor importância, há inúmeras mortes de anônimos, que só surgem para serem mortos, na verdade, não se matam os grandes heróis, com exceção de Pátroclo, uma vez que sua morte foi necessária, para que Aquiles retornasse ao combate.

príncipe troiano não poderia recuar, pois fora o desafiante (*Ilíada*, VII, 206-216); os joelhos dos troianos tremem mais uma vez, *Trôas dè trómos (...)* guíta, quando Aquiles retorna ao campo de batalha (*Ilíada*, XX, 44-46). Quando Ares foi ferido e dá um grito, tanto troianos quanto aqueus estremeçam em pleno campo de batalha (*Ilíada*, V, 859-863).

Convém destacar que há dois tipos de medo: o *phóbos* e o *déos*. A helenista Nicole Loraux denomina o primeiro de ‘medo pânico’ e o segundo, de “medo consciência” (LORAUX, 1989, p. 96). Já Bailly enfatiza que *déos* é um medo, um temor racional por oposição ao *phóbos* que é um medo, um pavor ou temor súbito, repentino (BAILLY, 2000, p. 446).

Assim é que *phóbos* é o medo, o terror que sempre resulta em fuga, isto é, a ação de fazer fugir ‘desbaratado’. O verbo referente ao substantivo *phóbos* é *phobéo*, “colocar em fuga”. Aliás, o primeiro sentido de *phóbos* é fuga, sobretudo, fuga devido ao pânico e o seu segundo sentido é medo como pontua Chantraine (CHANTRAINE, 1968, p. 1183).

Apesar de, no campo de batalha, haver barulhos terríveis de armas, gritos, clamores, espantos, muitas mortes e a terra manchada por muito sangue (*Ilíada*, IV, 450-451), o guerreiro valente deve agüentar firme, resistir, uma vez que a verdadeira coragem se mostra mesmo numa situação de perigo para melhor a exercitar.

Na guerra homérica, nada é mais vergonhoso do que fugir, tremer ou morrer ferido pelas costas:

Agamêmnon, primeiro deles, baixa Ódio da biga, príncipe
Alizônio, o primeiro a se evadir. Nas costas,
o lanceia e lhe vara o peito entre as espáduas.
Cai com estrondo e, em torno, a armadura reboa. (*Ilíada*, V, 39-42)

Meríone caça-lhe o filho e o fere a lança num dos glúteos,
por sob o osso, varando-lhe a bexiga e o púbis.
Ajoelha-se de dor, enquanto a morte o tolda. (*Ilíada*, V, 65-67)

Odisseu, em seu ‘diálogo interior’, diante de uma situação difícil, diz que se ele fugisse, seria “um grande mal” (*Ilíada*, III, 404) e ressalta que o valente deve resistir firme “quer fira, quer seja ferido” (*Ilíada*, XI, 409-410).

Vários são os exemplos que se podem depreender da leitura da *Ilíada* em relação à fuga e ao medo dos heróis. Peneleu Beócio teve *phóbos* diante de Heitor, porém, fugiu e

acabou sendo morto (*Ilíada*, XVII, 597); Os aqueus, em certa ocasião, fugiam por causa de Heitor e de Zeus Pai, *ephóbethen hyf' Héktori kai Dìi patrì* (*Ilíada*, XV, 637).

Ressalte-se que Odisseu se deparou com uma situação inusitada: percebeu que estava isolado em um determinado lugar no campo e batalha, pois o *phóbos* havia tomado posse de todos, uma vez que foi o próprio Cronida quem colocou em fuga, *ephóbese* os outros gregos (*Ilíada*, XI, 401-406).

É bom lembrar que, quando Zeus lançava o *phóbos* no campo de batalha, não havia herói mais eficiente que Ájax, filho de Oileu para perseguir “os homens que fugiam”, *andrôn tressánton*, do verbo *tréo*, “ter medo, fugir” (*Ilíada*, XIV, 522).

Na *Ilíada*, Homero enumera todas as nuances do medo. A cor amarelada ou verde, por exemplo, vai ser sinônimo de medo como a cor verde de Dólón, o espião dos troianos (*Ilíada*, X, 374-377).

Há sempre palavras de censuras para aqueles homens que foram tomados pelo *phóbos* e fogem como Páris diante de Menelau (*Ilíada*, III, 35) e, depois da repreensão de Heitor (*Ilíada*, III, 38-57), trava um duelo com o rei de Esparta.

É característica peculiar do herói homérico usar, antes dos atos, palavras de intimidação, troca de desafios e insultos para que o adversário tenha *phóbos* e fuja⁶. Citem-se, por exemplo, o ‘duelo verbal’ entre Glauco e Diomedes (*Ilíada*, VI, 119-151); Ájax Telamônio e Heitor (*Ilíada*, VII, 224-243); Menelau e o filho de Pântoo (*Ilíada*, XVII, 10-42); Aquiles e Enéias (*Ilíada*, XX, 177-210).

Aquiles, o maior guerreiro dentre os aqueus e Heitor, o maior guerreiro dentre os troianos, são dois heróis que mais fizeram os outros fugir. Lançavam sempre o pânico diante dos inimigos, por isso, o combate singular entre ambos era o mais esperado em toda a epopéia homérica (*Ilíada*, XXII, 248-330).

O duelo entre os dois maiores guerreiros é narrado através de símiles⁷, em que o segundo elemento da comparação são animais, isto é, o poeta para retratar a fuga, o

⁶. Se os estímulos do herói homérico eram externos, o mesmo não acontecia com um herói hoplita, pois o som alto da flauta, o barulho dos escudos atingidos pelas lanças provocava espanto nos inimigos (PLUTARCO. XXII, 5).

⁷. A utilização de símiles é muito comum na *Ilíada*. Quando a luta se tornava uma verdadeira selvageria de ambos os lados, o poeta usa símiles em que o segundo elemento da comparação é um animal, visando a realçar a força do guerreiro. Idomeneu e Odisseu são comparados a um javali (*Ilíada*, IV, 252-3; XI, 325-6, Enéias e Agamêmnon, a leões (*Ilíada*, IV, 299; XI, 129-130), aqueus (*Ilíada*, II, 725) e troianos (*Ilíada*, XI, 414-420) a cães, e, ambas as partes, “lutam feito lobos” (*Ilíada*, IV, 470-2). Há, ainda, comparações em que o

desespero e a fragilidade de Heitor e a ânsia de matar e a valentia de Aquiles utiliza-se de animais, como comprovam os versos subscritos:

O pelida, confiado em seus pés velozes, lança-se com ímpeto.
Como um falcão dos montes, o mais ágil dos voadores,
140 facilmente, cai sobre a pomba tímida,
que **foge** (*phobeítai*) por baixo e ele, de perto, soltando gritos agudos,
lança-se sobre ela a todo momento; o coração exorta-o a capturá-la,
assim, o Pelida, impetuoso, voava em linha reta e Heitor fugia.
(*Ilíada*, XXII, 138-143)

Aquiles, veloz, perseguia, sem trégua, Heitor.
Como, quando um cão nos montes persegue um filhote de corça,
190 que saiu do ninho, através de desfiladeiros e vales;
se o veadinho escapasse dele, escondendo-se sob uma moita,
o cão, rastreando, corre sem parar até encontrá-lo,
assim, Heitor não escapa do Pelida, de pés ligeiros. (*Ilíada*, XXII, 188-193)

Destaca-se, ainda, que o poema descreve a expectativa de Heitor aguardando Aquiles (*Ilíada*, XXII, 191-3), entretanto, o príncipe troiano, ao ver o aqueu em sua armadura brilhante, treme, *trómos* e, depois, foge, *phobetheís* (*Ilíada*, XXII, 136-7). Pode-se dizer que aquele que experimenta o *phóbos* está preso àquele que possui o *phóbos*, então, Aquiles – o que lança o terror – e Heitor – o aterrorizado – está um ligado ao outro.

Mais tarde, Heitor reconhece, diante de Aquiles, que ficou com medo e fugiu, *phobésomai*, mas que, agora, iria permanecer firme diante do herói aqueu (*Ilíada*, XXII, 25). Apesar do príncipe troiano ter fugido de modo desbaratado, *phobeítai* (verso 141) diante de Aquiles, Homero, em nenhum momento, chama o filho de Príamo de covarde, mas diz:

(...) (Heitor) fugindo e o perseguidor atrás;
por um lado, um valente fugia na frente; por outro lado, um mais valente
o perseguia rapidamente. (*Ilíada*, XXII 157-9)

Não se deve esquecer que, em certas ocasiões, os gregos também fugiram, *pheúgontes* diante do filho de Príamo desesperadamente (*Ilíada*, VIII, 341-9; XVIII, 148-150).

Para Nicole Loraux, não se deve interpretar a rivalidade entre os dois melhores guerreiros – Aquiles e Heitor – como se fosse um *agón*, em que se disputa algum prêmio,

segundo termo são fenômenos da natureza, tais como, o fogo voraz (*Ilíada*, XI, 155-160, XVIII, 1), o mar (*Ilíada*, XI, 294-9) e ondas (*Ilíada*, XI, 307-8).

pois o que está em risco é a própria vida. É um encontro mortífero, entre dois guerreiros rivais em que um deles sucumbirá lutando (LORAUX, 1989, p. 99-100).

Não foi só o maior herói troiano que fugiu ou experimentou o *phóbos*, como também Aquiles reconhecido como um modelo de *areté*⁸, de “excelência guerreira” (*Ilíada*, I, 284; II, 769-70), também experimentou o *phóbos* e fugiu diante do rio Escamandro enfurecido (*Ilíada*, XXI, 240-256). Em uma outra situação, Aquiles não fugiu, entretanto, ficou espantado, *tarbésas* diante da grande lança de Enéias e afastou-a de si com a mão (*Ilíada*, XX, 261-263).

Sublinhe-se que os troianos também respeitavam a Aquiles por seu valor (*Ilíada*, XXI, 565-6; XXII, 287-9), assim, em toda a *Ilíada*, ele é sempre lembrado, mesmo quando afastado da luta (*Ilíada*, V, 787-91; IX, 108-120).

É bom lembrar que, de acordo com as palavras de Agamêmenon, o filho de Peleu receava também enfrentar Heitor, uma vez que o semideus se assustava, *érrig'* (do verbo *rhigéo*, “fico rígido de espanto, assusto-me”) diante de Heitor (*Ilíada*, VII, 113-4).

S. Bernadete pontua que Aquiles tem muito em comum com os outros heróis, possuindo “todas as virtudes heróicas que são dadas singularmente aos outros”. Ele não é de natureza diferente, embora seja superior em beleza, em força e em habilidade para lutar (apud SCHEIN: 1984, p. 90-91).

A propósito *phóbos* não é, somente, um terror que paralisa o adversário, mas também uma potência que habita o herói em estado de fúria. O herói em seu estado de *ménos*, de ardor guerreiro era inspirado por um deus (*Ilíada*, V, 1-3; XIII, 59-61) e podia ser visto como alguém que possui em sua essência o *phóbos*, sendo o próprio herói “mestre da fuga”, *métor phóboio*.

Então, parece que, possuído por um *ménos*, o guerreiro torna ele mesmo *Phóbos* ou Ares. Ora, todos os guerreiros gregos ou troianos, ao olharem para Menelau e Páris, contemplaram os dois heróis com admiração e respeito, *eisoróontas* (*Ilíada*, III, 340-3).

Aliás, na *Ilíada*, é muito comum Homero comparar seus heróis ao deus da guerra, Ares, citem-se, por exemplo: Ajax avançava como “Ares gigantesco”, *pelórios Áres*

⁸. Da temática da *areté* se ocuparam outros poetas, como Sólon que usa a *areté* no sentido de habilidade mental e retórica (27 W, 15-6); para Teógnis, a *areté* essencial era a justiça (147-8); Xenófanes diz que a sabedoria era mais proveitosa para a cidade do que atributos atléticos (2 W, 13-4); já Tirteu enfatiza que a *areté* consiste em lutar bravamente, comportando como um *anèr agathós*, jamais fugindo das situações difíceis (12 W, 10-14).

(*Ilíada*, VII, 208) e Heitor também foi comparado a “Ares homicida”, *brotoloigôu Áreos* (*Ilíada*, VIII, 349).

Phóbos tem por irmão *Deîmos* que é o “Espanto”, o “Pavor” (*Ilíada*, IV, 440; XI, 37; XV, 119); é cúmplice de *Phóbos* na batalha (*Ilíada*, IV 440; XI, 37; XIII, 299; XV, 119). *Phóbos* é também um deus, filho de Ares, que infunde terror até mesmo em um herói mais corajoso como corroboram os versos subscritos:

Como Ares, funesto aos mortais, vai à guerra,
seu filho, *Phóbos*, juntamente, o acompanha impetuoso e sem medo
que coloca em fuga um guerreiro de alma corajosa. (*Ilíada*, XIII, 301-3)

O pensamento religioso dos gregos associa *phóbos* à máscara de Górgone. *Phóbos* e *Górgone* ornamentam o escudo de Agamêmnon que possuía um emblema especial:

Tomou o escudo trabalhado com muita arte que cobre todo o corpo
era belo e impetuoso; em torno dos círculos, tinha dez orlas brônzeas
e vinte umbigos brancos de estanho
35 ao centro, era azul escuro,
e, em cima, Górgone, de olhar terrível; em volta, o Terror (*Deînos*) e a Fuga (*Phóbos*).
A cinta era prateada, sobre ele,
Dragão (*Drákon*), de cor azulada, se enrola, três cabeças
estavam entrelaçadas em volta, nascidas de um mesmo pescoço. (*Ilíada*, XI, 32-9)

O escudo de Agamêmnon se assemelhava à égide, a arma sobrenatural que Zeus concedeu o seu uso a Palas e a Apolo e que provocava a “fuga imediata”, o *phóbos*. Há, na égide, além da cabeça de Górgone, o *Phóbos* (a Fuga), a *Éris* (a Discórdia), a *Alké* (a Violência) e a *Ioké*, (a Perseguição) (*Ilíada*, V, 736-742).

Se por um lado, *phóbos* aniquila o herói, pois faz com que o seu coração fique esmorecido, aterrorizado, por outro lado, *déos* pode estimular o guerreiro.

O verbo *deído* referente ao substantivo *déos* é “temer, recear ligado à razão”; vê-se quais as vantagens e as desvantagens de fazer ou continuar ou não uma ação, por exemplo, quando o combatente é obrigado a recuar, a permanecer em seu lugar ou a pedir ajuda por estar em uma situação desfavorecida.

Pode-se dar como exemplo o guerreiro Idomeneu que ficou temeroso quando um guerreiro mais jovem, Enéias, avançava contra ele. Na verdade, Idomeneu, em nenhum

momento, foi tomado pelo *phóbos* e fugiu, mas “como um javali montês, permanecia firme, esperava, *ménei* o filho de Afrodite” (*Ilíada*, XIII, 471-2). Por mais valente que fosse, o chefe cretense sentia o peso da idade e se justifica com as seguintes palavras:

Vinde ! amigos, ajudai-me ! temo terrivelmente
Enéias, pés ligeiros que, avançando, aproxima-se de mim
que é mais forte para matar na batalha à luz do dia
e tem a flor da juventude que é uma grande força
Se tivesse este ardor, da mesma idade que ele
rapidamente, ou ele obteria grande glória ou eu obteria. (*Ilíada*, XIII, 481-6)

Sublinhe-se que não é o fato do guerreiro ser de mais idade e que não possuía mais a firmeza nas pernas para saltar ou para se desviar da lança como Idomeneu (*Ilíada*, XIII, 512-3) que terá sua valentia posta em dúvida. A *Ilíada* faz menção a outro herói que não tinha mais a “flor da juventude”, *hébes ánthos* como o belicoso Protesilau que era mais velho e mais valente do que seu irmão mais novo; com Protesilau seguiram quarenta navios até Tróia (*Ilíada*, II 704-6).

É bom destacar que, no Canto VII, quando Heitor fez um desafio para que algum dos aqueus lutasse com ele (versos 73-6), houve total silêncio entre os aqueus, afinal, todos o respeitavam como o maior guerreiro troiano como atestam os seguintes versos:

Como Heitor falou, todos permaneceram calados em silêncio;
Vergonha de recusar, medo (*deísan*) de aceitar. (*Ilíada*, VII, 92-3)

Menelau, quando percebeu que todos se calaram, prontificou-se a travar um duelo com Heitor, mas Agamêmnon o impede, repreendendo-o com as seguintes palavras:

És insensato, ó Menelau, progênie de Zeus, não convém
esta loucura; certamente, tu estás inquieto
não querer longe da luta, combater com um homem mais valente,
Heitor Priâmeo, também outros têm horror a ele. (*Ilíada*, VII, 109-112)

Apesar de não constar, explicitamente, no texto grego, o verbo *deído* e nem o substantivo *déos* nos versos supracitados, percebe-se, claramente, no contexto, o receio de Agamêmnon se Menelau travasse um duelo singular com Heitor.

Em uma outra situação, o rei Agamêmnon temeu mais uma vez pela vida de seu irmão Menelau. Quando Nestor tem a idéia de um guerreiro ir à noite espionar os troianos e

aliados que estavam acampados na planície, Diomedes se prontificou, e o filho de Tideu disse que seria melhor um outro herói acompanhá-lo. Menelau, Odisseu, os dois Ájaces e Meríone se ofereceram (*Ilíada*, X, 204-233), porém, antes que Diomedes escolhesse seu companheiro (Odisseu fora o escolhido), o rei Agamêmnon sabendo que seu irmão não era tão valoroso quanto os outros guerreiros, tenta persuadir Diomedes, sutilmente, a não escolher o rei de Esparta:

235 Ó Diomedes, filho de Tideu, és querido com valor para mim,
escolhes o companheiro que desejas,
parecendo o melhor, posto que muitos se apresentam.
Tu não se envergonhe em teu pensamento de abandonar
o mais valente e tomar por companheiro o mais fraco parecendo venerável,
olhando para a genealogia, nem se for um rei.

Falou Agamêmnon, **temeu** (*édeisen*) por causa do amarelo Menelau.

(*Ilíada*, X 234-240)

Ressalte-se que, por vezes, o verbo *aidéomai* (“experimento um sentimento de vergonha, de respeito, de reverência”) está ligado, semanticamente, ao verbo *deído* (“temo, receio”) como mostra o Canto XVII, versos 82-137. Ora, esses versos atestam que Menelau - ao perceber que estava tendo dificuldades de proteger as armas e o cadáver de Pátroclo sozinho e que, a qualquer momento, os troianos o cercariam e o matariam - reflete: “*se combato só com os troianos e Heitor, temo* (verbo *aidestheís*) *que, sendo eu só, muitos me cercarão*” (versos 94 e 95). A narrativa ainda diz que o rei de Esparta, mesmo a contragosto, largou o cadáver ao avistar Heitor e um grupo de troianos furiosos que vinham em sua direção.

Na verdade, Menelau não fugiu e nem foi tomado pelo *phóbos*, mas teve de recuar como um “leão que é expulso pelos cães” para buscar a ajuda de Ájax, Telamônio, para que, juntos, resgatassem o cadáver do filho de Meneácio no campo dos troianos. Então, os dois guerreiros, Menelau e Ájax, Telamônio avançam com ousadia e furiosos para enfrentar os troianos. Assim, Ájax, com seu grande escudo em forma de torre, protege não só ele próprio, quanto Menelau e o cadáver de Pátroclo (versos 96-137).

Sublinhe-se que não foram só os heróis que sentiram *déos* diante de situações e pessoas. O sacerdote de Apolo, Crisis, experimentou esse tipo de temor, de medo ao recuar diante de um rei Agamêmnon, extremamente, raivoso e irredutível de não entregar sua

presa de guerra, Criseida, ao sacerdote: “Falou Agamêmnon, o velho temeu (*édeisen*) e foi persuadido pela palavra” (*Ilíada*, I, 33).

Até os deuses não estão livres de, um dia, sentirem *déos* diante de situações ou de Zeus, como Hera que ficou temerosa com as ameaças de punições do senhor do Olimpo: “Falou Zeus, Hera, a de olhos de boi, temeu (*édeisen*)” (*Ilíada*, I, 568).

Como se infere da leitura da *Ilíada*, *déos* é um temor racional, em que o herói pensa antes de agir, isto é, há um domínio do medo, por oposição a *phóbos* que é um temor súbito em que o guerreiro perde o domínio da situação e foge desbaratado. A propósito, a coragem não é, necessariamente, a ausência do medo, mas um certo domínio e resistência ao temor, se o medo dominar o guerreiro, já não é *déos*, pois transforma-se em pavor, então, é o *phóbos* que o herói experimenta.

Pode-se também afirmar que, apesar da narrativa épica distinguir os grandes heróis daqueles guerreiros de menor importância, ambos os guerreiros sentiram, em certas situações, *phóbos* e fugiram como Aquiles e Heitor. Apesar do filho de Tétis e do filho de Príamo terem sido aqueles guerreiros que mais fizeram os outros fugir, há certas horas que, no campo de batalha, aquele que amedronta pode ser amedrontado.

Referências Bibliográficas:

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *El Mundo de La Lírica Griega Antigua*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Éd. Revue par L. Séchan et Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FINLEY, M.I. *Os Gregos Antigos*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1963.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.

- JAEGER, Werner. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LORAU, Nicole. *Les Experiences de Tirésias: Le Féminin et L' homme Grec*. Paris: Gallimard, 1989, p. 77-123.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- _____. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Volume I Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian, 1993.
- PLUTARCO. *Licurgo*. In: *Vidas*. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 13-42.
- ROMILLY, Jacqueline de. *Homero - Introdução aos Poemas Homéricos*. Tradução de Leonor Santa-Bárbara. Lisboa: Edições 70, 2001.
- SCHEIN, Seth L. *The Mortal Hero*. London: University of Califórnia Press, 1984.
- VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Tradução de Mário Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- _____, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento Entre os Gregos*. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Ísis B. da Fonseca. São Paulo: Difel, 2002.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *O Mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WEST, Martin. *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandrum Cantati*. New York: Oxford, 1992.